**DA INTENÇÃO À AÇÃO: EMPREENDEDORISMO E CURSO DE VIDA**

FROM INTENTION TO ACTION: ENTREPRENEURSHIP AND LIFE COURSE

Recebido em 21.02.2026 Aprovado em 24.03.2026

Avaliado pelo sistema double blind review

DOI: <https://doi.org/10.12712/rpca.v.194.70824>**Laura Cristina Pereira Maia**Laura.maia@online.uscs.edu.br

Programa de Pós-Graduação em Administração – USCS – São Caetano do Sul/SP, Brasil

0000-0002-1583-6738

Juliana Aparecida BoarettoJuliana.boaretto@online.uscs.edu.br

Programa de Pós-Graduação em Administração – USCS – São Caetano do Sul/SP, Brasil

0000-0001-7898-9478

Patrik Darlan Ribeiropatrikadm@hotmail.com

Programa de Pós-Graduação em Administração – USCS – São Caetano do Sul/SP, Brasil

0009-0004-4775-3533

Celso Machado Juniorcelso.junior@online.uscs.edu.br

Programa de Pós-Graduação em Administração – USCS – São Caetano do Sul/SP, Brasil

0000-0003-3835-2979

Resumo

Este ensaio teórico propõe uma agenda integrativa para compreender a transição da intenção à ação empreendedora ao longo do curso de vida. O objetivo é articular a Teoria do Comportamento Planejado, o Modelo de Evento Empreendedor e a Teoria da Efetuação sob a perspectiva do curso de vida. A metodologia consistiu em revisão integrativa da literatura nas bases de dados Scopus e Web of Science. Os resultados apresentam um framework com quatro dimensões, disposições iniciais, meios disponíveis, processos de ação e resultados emergentes. Conclui-se que a intenção empreendedora constitui disposição dinâmica, modulada por trajetórias biográficas e eventos de deslocamento, não preditor do comportamento.

Palavras-chave: Intenção empreendedora. Ação empreendedora. Efetuação. Curso de vida.

Abstract

This theoretical essay advances an integrative agenda to understand the transition from entrepreneurial intention to entrepreneurial action across the life course. Its objective is to articulate the Theory of Planned Behavior, the Entrepreneurial Event Model, and Effectuation Theory within a life course perspective. The methodological approach consisted of an integrative literature review conducted in the Scopus and Web of Science databases. The findings present a framework structured around four dimensions: initial dispositions, available means, action processes, and emergent outcomes. It is argued that entrepreneurial intention should be understood as a dynamic disposition, shaped by biographical trajectories and displacement events, rather than as a direct predictor of behavior.

Keywords: Entrepreneurial intention. Entrepreneurial action. Effectuation. Life course.

Introdução

O empreendedorismo consolidou-se, nas últimas décadas, como um fenômeno central para a compreensão das dinâmicas contemporâneas de inovação, geração de valor e transformação econômica e social, assumindo múltiplas configurações conforme os contextos institucionais, históricos e biográficos nos quais se manifesta (Schumpeter, 1934; GEM, 2023; Dias; Patuleia, 2023). Mais do que uma atividade econômica delimitada, o empreendedorismo constitui um processo social complexo, presente em organizações estabelecidas, iniciativas sociais, ambientes acadêmicos e trajetórias profissionais diversas, refletindo sua natureza multifacetada, relacional e interdisciplinar (Liguori et al., 2024; Passavanti et al., 2023; Ratten, 2023). O reconhecimento dessa amplitude impõe, contudo, um problema teórico central, os frameworks disponíveis para explicar o comportamento empreendedor foram, em sua maioria, construídos a partir de pressupostos que privilegiam a previsibilidade, a linearidade e a homogeneidade das trajetórias, limitando a capacidade analítica do campo para dar conta da heterogeneidade, da temporalidade e da natureza situada da ação empreendedora.

No plano teórico, três abordagens estruturam o debate sobre o comportamento empreendedor e constituem o arcabouço deste ensaio. A Teoria do Comportamento Planejado (TCP), proposta por Ajzen (1991), concebe a intenção como função das atitudes em relação ao comportamento, das normas subjetivas e do controle comportamental percebido, posicionando-a como principal preditor da ação. O Modelo de Evento Empreendedor (MEE), desenvolvido por Shapero e Sokol (1982), amplia essa leitura ao articular desejabilidade percebida, viabilidade percebida e propensão à ação como antecedentes da intenção, frequentemente ativados por eventos críticos e transições biográficas. A Teoria da Efetuação, proposta por Sarasvathy (2001; 2003), desloca o foco da previsão de comportamentos para a compreensão de como cursos de ação são construídos a partir dos meios disponíveis ao indivíduo em contextos de incerteza, perspectiva que tem sido sistematicamente revisitada e expandida na literatura contemporânea (Sarasvathy, 2024). Embora cada uma dessas abordagens tenha gerado robusto acúmulo empírico, elas têm avançado de forma predominantemente paralela e sua articulação permanece como lacuna teórica relevante no campo.

Essa lacuna torna-se ainda mais evidente quando se considera que o empreendedorismo não ocorre de forma homogênea ao longo do curso de vida, mas é atravessado por experiências acumuladas, transições profissionais, redes sociais e identidades construídas ao longo do tempo. Evidências recentes revelam que a intenção empreendedora explica apenas 17% da variância no comportamento efetivo, resultado significativamente inferior ao projetado pelos modelos dominantes, documentando a persistência e a profundidade da lacuna entre disposição declarada e ação concreta (Lam; Purc, 2022; Tsou et al., 2023; Syed et al., 2024). Essa evidência sugere que nenhum dos modelos, considerado isoladamente, é suficiente para explicar como as disposições se transformam em prática situada ao longo do tempo.

À luz desse debate, este artigo sustenta que a articulação entre TCP, MEE e Teoria da Efetuação, ancorada na perspectiva do curso de vida (Elder; Johnson; Crosnoe, 2003), é não apenas desejável, mas teoricamente necessária para superar as limitações explicativas de cada tradição considerada em separado. Trata-se de um ensaio teórico, fundamentado em revisão integrativa da literatura, cujo objetivo é propor uma agenda analítica capaz de capturar a transição da intenção à ação empreendedora em diferentes estágios biográficos. A contribuição central reside na construção de um framework integrativo que reposiciona o papel da intenção de antecedente causal a elemento dinâmico de um processo longitudinal e que articula as três teorias como dimensões complementares e interdependentes da prática empreendedora.

Procedimentos metodológicos

Este estudo caracteriza-se como um ensaio teórico, de natureza qualitativa, fundamentado em revisão integrativa da literatura. Epistemologicamente, o ensaio teórico situa-se em tradição interpretativista, comprometida com a construção de sentido a partir do diálogo entre perspectivas teóricas distintas, e não com a testagem de hipóteses causais ou a generalização estatística. Nesse enquadramento, a revisão integrativa apresenta-se como estratégia metodológica coerente, pois permite reunir, examinar e articular conhecimentos provenientes de tradições teóricas diversas, possibilitando a construção de novos enquadramentos conceituais e proposições analíticas (Torraco, 2016; Cronin; George, 2023).

A estratégia de busca contemplou bases de dados reconhecidas nas áreas de Administração e Empreendedorismo, incluindo Scopus, Web of Science, SciELO e EBSCO/Business Source Complete. Foram utilizados descritores em língua inglesa e portuguesa, combinados por operadores booleanos, tais como: *entrepreneurial intention*, *entrepreneurial action*, *effectuation*, *entrepreneurial process*, *entrepreneurial education*, *entrepreneurial ecosystem*, *life course* e *senior entrepreneurship*, bem como seus correspondentes em português.

Como critérios de inclusão, consideraram-se artigos publicados em periódicos revisados por pares, estudos que abordassem diretamente os construtos centrais do artigo e trabalhos que apresentassem contribuições teóricas ou empíricas relevantes para a compreensão do empreendedorismo como processo. Foram excluídos trabalhos duplicados, publicações sem acesso ao texto completo e estudos que tratassem o empreendedorismo apenas de maneira tangencial.

O processo analítico ocorreu em três etapas complementares e interativas. Na primeira, realizou-se leitura exploratória de títulos, resumos e palavras-chave, com vistas à identificação de aderência ao escopo do estudo. Na segunda, procedeu-se à leitura integral dos textos selecionados, com ênfase na identificação de conceitos nucleares, pressupostos epistemológicos e relações propostas entre os construtos. Na terceira etapa, realizou-se codificação temática e organização dos achados em eixos analíticos, viabilizando a síntese interpretativa e a construção da agenda integrativa apresentada neste artigo. Cabe destacar que, por sua natureza ensaística, o artigo não se propõe a testar empiricamente as proposições formuladas, mas a oferecer um quadro de referência analítico que possa orientar investigações futuras.

1. Intenção empreendedora e seus limites explicativos

A intenção empreendedora consolidou-se, ao longo das últimas décadas, como construto central para a compreensão do comportamento empreendedor, sendo amplamente reconhecida como antecedente proximal da decisão de iniciar um negócio. Essa centralidade decorre, em grande medida, da influência de modelos oriundos da psicologia social, que concebem o comportamento como resultado de disposições cognitivas relativamente estáveis. Três abordagens teóricas estruturam esse debate e constituem o arcabouço deste ensaio a Teoria do Comportamento Planejado, o Modelo de Evento Empreendedor e a Teoria da Efeutuação.

A Teoria do Comportamento Planejado (TCP), proposta por Ajzen (1991), evidencia que a intenção empreendedora é formada a partir de três antecedentes cognitivos: a atitude em relação ao comportamento, as normas subjetivas e o controle comportamental percebido. A aplicação da TCP ao campo do empreendedorismo originou vasto corpo de pesquisas que buscam explicar por que determinados indivíduos demonstram maior propensão a empreender do que outros. Estudos empíricos conduzidos em diferentes países e contextos institucionais evidenciam associações consistentes entre atitudes favoráveis ao empreendedorismo, percepção de autoeficácia, suporte social percebido e níveis

mais elevados de intenção empreendedora, reforçando a robustez do modelo para explicar disposições empreendedoras (Liñán; Chen, 2009; Wang et al., 2022; Nayak, 2025). Esses referenciais sustentaram também a consolidação de uma agenda de pesquisa fortemente orientada à identificação de antecedentes da intenção em contextos educacionais, na qual a educação empreendedora e o ecossistema universitário figuram como elementos estruturantes da formação de atitudes e do controle comportamental percebido (Liguori; Bendickson; McDowell, 2018; Passavanti et al., 2023; Kuckertz; Brem, 2023).

O Modelo de Evento Empreendedor (MEE), proposto por Shapero e Sokol (1982), oferece uma leitura complementar e parcialmente divergente. Em vez de conceber a intenção como função de atitudes estáveis, o MEE argumenta que ela emerge da interação entre três componentes situacionais a desejabilidade percebida, expressa no grau em que o indivíduo considera o empreendedorismo uma escolha atraente e socialmente valorizada; a viabilidade percebida, referente à crença na própria capacidade de criar e conduzir um empreendimento; e a propensão à ação, entendida como a disposição individual para agir diante de oportunidades percebidas.

O MEE introduz o conceito de evento de deslocamento, isto é, rupturas biográficas, como perda de emprego, conclusão de curso, migração ou transição familiar, que perturbam a trajetória estabelecida e funcionam como catalisadores da intenção empreendedora. Essa dimensão aproxima o modelo de uma leitura mais dinâmica e contextualizada das decisões empreendedoras, reconhecendo que o empreendedorismo frequentemente emerge não de planos preestabelecidos, mas de respostas situadas a eventos inesperados (Shapero; Sokol, 1982; Syed et al., 2024).

A Teoria da Efetuação, proposta por Sarasvathy (2001; 2003), representa um deslocamento mais radical em relação aos pressupostos cognitivo-preditivos. Enquanto a TCP e o MEE mantêm, em diferentes graus, uma orientação centrada na intenção como estado antecedente que precede e orienta a ação, a Efetuação questiona essa sequência ao argumentar que a ação empreendedora não parte de objetivos predefinidos, mas dos meios disponíveis ao indivíduo, compreendidos como identidade, conhecimentos acumulados e redes de relacionamento. A partir desses meios, cursos de ação são progressivamente construídos em contextos de incerteza, orientados por princípios como a perda aceitável em detrimento do retorno esperado, a construção de alianças com parceiros que se auto-selecionam e a valorização de contingências como fontes de oportunidade (Sarasvathy, 2001; 2003; 2024). Essa perspectiva reposiciona a intenção não como ponto de partida da ação, mas como elemento que se reconstrói iterativamente ao longo do processo empreendedor.

Apesar da relevância de cada uma dessas abordagens, cresce o reconhecimento de que, consideradas isoladamente, apresentam limitações substantivas para explicar o empreendedorismo enquanto prática situada e longitudinal. Em primeiro lugar, tanto a TCP quanto o MEE tendem a assumir uma relação linear e sequencial entre intenção e comportamento, pressupondo que disposições previamente formadas conduzem, de modo relativamente direto, à ação empreendedora. Contudo, evidências empíricas indicam que a intenção explica apenas 17% da variância no comportamento efetivo, resultado muito inferior ao comumente pressuposto pelos modelos dominantes, revelando a profundidade da lacuna entre disposição declarada e ação concreta (Tsou; Steel; Osiyevskyy, 2023; Lam; Purc, 2022). Em segundo lugar, grande parte dos estudos baseia-se em delineamentos transversais, que capturam disposições em um único momento do tempo, oferecendo compreensão limitada acerca das dinâmicas de mudança, aprendizagem e adaptação que permeiam o processo empreendedor, limitação que afeta mesmo estudos ancorados na lógica efetucional quando analisados em cortes temporais estáticos (Syed et al., 2024). Em terceiro lugar, ao privilegiarem variáveis cognitivas e atitudinais, os modelos preditivos tendem a subestimar a dimensão prática do empreendedorismo, isto é, os modos pelos quais indivíduos mobilizam recursos, constroem redes, negociam com parceiros e ajustam estratégias no cotidiano da criação e condução de negócios, dissociando a análise das situações concretas nas quais decisões são tomadas e oportunidades são construídas (Sarasvathy, 2001; Liguori et al., 2024).

Essas limitações apontam para a necessidade de deslocar o foco analítico da intenção isolada para abordagens que concebam o empreendedorismo como processo de ação situado, sensível às trajetórias, aos contextos e às contingências que moldam a prática empreendedora ao longo do tempo. Tal deslocamento não implica desconsiderar as contribuições de cada uma das três tradições, mas articulá-las a uma perspectiva capaz de explicar como as disposições iniciais se constroem, transformam-se e são tensionadas ao longo do curso de vida.

2. Da intenção à ação: o empreendedorismo como processo

Abordagens processuais do empreendedorismo tendem a questionar a centralidade de modelos explicativos baseados em sequências lineares entre intenção e comportamento, ao assumirem que a ação empreendedora se constrói em contextos marcados por incerteza, ambiguidade e aprendizagem contínua. Sob essa perspectiva, o empreendedorismo passa a ser compreendido menos como execução de planos previamente formulados e mais como processo dinâmico de interação entre indivíduos, contextos e contingências, no qual objetivos e oportunidades emergem ao longo do percurso (McMullen; Shepherd, 2006; Sarasvathy, 2001; 2003).

Estudos ancorados em abordagens processuais tendem a assumir que a ação empreendedora é estruturada por ciclos de experimentação, adaptação e negociação, nos quais metas e estratégias são continuamente ajustadas em resposta às interações com o ambiente. Essa leitura desloca o foco da previsão de comportamentos para a compreensão de como cursos de ação são progressivamente construídos na prática, enfatizando a dimensão temporal e situada do empreendedorismo. Pesquisas empíricas fundamentadas nessa perspectiva indicam que muitos empreendedores iniciam suas trajetórias sem metas claramente definidas, ajustando aspirações à medida que interagem com clientes, parceiros e demais atores do ecossistema, o que reforça a ideia de que a ação pode preceder, em muitos casos, a formulação explícita de intenções (Sarasvathy, 2001; Bagheri; Karami, 2026).

Nesse enquadramento, a relação entre intenção e ação tende a ser compreendida como recursiva e instável, e não como sequência linear. Intenções, quando presentes, configuram disposições iniciais passíveis de revisão, sendo frequentemente reformuladas à medida que indivíduos interagem com atores, experimentam alternativas e reinterpretem experiências (Tsou; Steel; Osiyevskyy, 2023; Giunipero et al., 2025). Sob essa ótica, a intenção deixa de ser concebida como estado cognitivo fixo que precede e determina a ação, e passa a ser entendida como elemento dinâmico que se reconstrói iterativamente ao longo do processo empreendedor, sensível às condições objetivas e às interpretações situadas do indivíduo.

Essa mudança de foco possui implicações relevantes para a compreensão do empreendedorismo em diferentes contextos e estágios do curso de vida. Ao reconhecer que experiências acumuladas, redes sociais e identidades profissionais moldam os meios disponíveis para a ação, abordagens processuais oferecem um arcabouço mais sensível às trajetórias biográficas e às condições contextuais que caracterizam a prática empreendedora (Maalaoui et al., 2023; Sarasvathy, 2024). Desse modo, o empreendedorismo passa a ser entendido não apenas como escolha individual, mas como processo socialmente situado, construído na interseção entre história de vida, oportunidades percebidas e interações cotidianas.

Ao enfatizar o empreendedorismo como processo de ação, esta perspectiva cria as bases para integrar os avanços dos estudos sobre intenção empreendedora a abordagens que privilegiam a prática, a temporalidade e a adaptação. Essa integração é fundamental para compreender como disposições iniciais, aprendizagens e contextos institucionais se articulam na construção de trajetórias empreendedoras ao longo do curso de vida.

3. Empreendedorismo ao longo do curso de vida

Abordagens fundamentadas na perspectiva do curso de vida tendem a assumir que a ação empreendedora é moldada por trajetórias biográficas, transições ocupacionais e contextos sociais específicos, deslocando a análise de disposições individuais estáticas para processos construídos ao longo do tempo (Elder; Johnson; Crosnoe, 2003). Nessa leitura, experiências acumuladas e diferentes formas de capital humano, social e simbólico passam a estruturar tanto as percepções de oportunidade quanto os cursos de ação disponíveis aos indivíduos, tornando o empreendedorismo sensível não apenas ao que o indivíduo quer fazer, mas ao que construiu ao longo de sua história de vida. Essa perspectiva encontra repercussão direta com o conceito de evento de deslocamento proposto pelo MEE, na medida em que transições biográficas, como perda de emprego, aposentadoria, conclusão de formação ou reconfiguração familiar, funcionam como catalisadores que perturbam trajetórias estabelecidas e abrem janelas para a ação empreendedora (Shapero; Sokol, 1982; Syed et al., 2024).

Estudos que incorporam o curso de vida tendem a convergir na interpretação de que o empreendedorismo assume configurações distintas conforme o estágio etário, o que limita abordagens que tratam o comportamento empreendedor como resultado de disposições homogêneas. Enquanto fases iniciais da vida adulta são frequentemente associadas à experimentação, à exploração de oportunidades e à construção de identidades profissionais, estágios mais avançados tendem a enfatizar autonomia, continuidade ocupacional e projetos de vida com maior densidade simbólica (Kautonen; Down; Minniti, 2014; Lévesque et al., 2026). Evidências recentes reforçam essa heterogeneidade ao documentar que empreendedores de meia-idade e mais velhos tendem a mobilizar redes mais densas, capital humano mais especializado e maior familiaridade com trajetórias não lineares, combinando objetivos econômicos com busca de autonomia e sentido no trabalho (Maalaoui et al., 2023; Lévesque et al., 2026).

A crescente longevidade e as transformações nas relações de trabalho ampliaram a participação de pessoas maduras no empreendedorismo, frequentemente enquadrada no debate sobre a chamada silver economy. Sob essa ótica, o empreendedorismo em fases mais avançadas do curso de vida passa a ser interpretado menos como resposta exclusiva à exclusão do mercado formal e mais como estratégia de permanência produtiva, reconfiguração identitária e busca por sentido no trabalho (OECD, 2019a; 2019b; Maalaoui et al., 2023). Pesquisas indicam que trajetórias profissionais longas produzem repertórios específicos de recursos, redes e identidades que estruturam os modos pelos quais a ação empreendedora é concebida e construída, sendo a criação de negócios frequentemente interpretada menos como ruptura e mais como extensão ou reconfiguração de percursos anteriores (Maalaoui et al., 2023; Syed et al., 2024).

Tais evidências tensionam modelos explicativos baseados exclusivamente na intenção empreendedora, ao sugerirem que, em trajetórias longas e heterogêneas, a ação tende a emergir gradualmente, a partir de eventos contingentes, oportunidades cotidianas e interações com redes próximas, frequentemente sem planejamento formal prévio. Além disso, fatores estruturais como etarismo, acesso desigual a financiamento, barreiras tecnológicas e expectativas normativas sobre produtividade influenciam de maneira significativa os cursos de ação disponíveis em diferentes estágios do curso de vida, moldando tanto as possibilidades objetivas quanto as percepções subjetivas sobre empreender (Kautonen; Kibler; Minniti, 2017; Lévesque et al., 2026). Tais condicionantes reforçam a necessidade de compreender o empreendedorismo como fenômeno situado, sensível aos contextos institucionais e às dinâmicas relacionais em cada estágio biográfico.

Diante desse cenário, a incorporação da perspectiva do curso de vida contribui para deslocar o foco analítico da identificação de antecedentes estáticos para a compreensão de processos dinâmicos de construção da ação empreendedora (Elder; Johnson; Crosnoe, 2003; Lévesque et al., 2026). Ao reconhecer que intenções, motivações e objetivos podem ser continuamente reconfigurados ao longo da trajetória, essa abordagem aproxima-se das perspectivas processuais discutidas na seção anterior e da

lógica efetuacional, criando bases para uma articulação mais consistente entre intenção, ação e temporalidade. Assim, compreender o empreendedorismo ao longo do curso de vida implica reconhecer que a transição da intenção à ação não se dá de forma linear nem uniforme, mas como resultado de interações entre disposições iniciais, experiências acumuladas, redes sociais e contingências contextuais.

4. Agenda integrativa e implicações teóricas

A produção contemporânea em empreendedorismo tende a se organizar em dois eixos que avançam de forma paralela, um orientado à identificação de antecedentes cognitivos da intenção empreendedora e outro voltado à compreensão da ação como processo situado e temporalmente construído. Essa segmentação não apenas preserva a separação entre modelos preditivos e abordagens orientadas à prática, como também limita a capacidade da área de oferecer respostas teoricamente integradas à questão central que move sua agenda, por que e como a intenção se converte, ou deixa de se converter, em comportamento empreendedor concreto. Revisões sistemáticas recentes confirmam esse diagnóstico, identificando fragmentação teórica, dependência metodológica de amostras estudantis e designs transversais, e negligência de mediadores contextuais como elementos que constroem o poder explicativo dos modelos dominantes (Tsou; Steel; Osiyevskyy, 2023; Nayak, 2025).

Diante desse cenário, propõe-se uma agenda integrativa que concebe o empreendedorismo como processo de construção da ação ao longo do curso de vida, no qual disposições iniciais, incluindo intenções, constituem elementos relevantes, porém não determinísticos. Essa agenda não pretende substituir as teorias existentes, mas posicioná-las como dimensões complementares de um mesmo processo longitudinal. A TCP é compreendida como modelo da estrutura disposicional inicial; o MEE como teoria dos eventos biográficos que perturbam trajetórias e reabrem possibilidades de ação; e a Effectuation como lógica de construção da ação em contextos de incerteza, a partir dos meios disponíveis. A articulação dessas três perspectivas, ancorada na temporalidade do curso de vida, permite superar a dicotomia entre abordagens centradas na intenção e aquelas orientadas para o processo.

Liñán, Jaén e Domínguez-Quintero (2024), ao integrarem a Teoria das Fases de Ação (Action Phase Theory) com a TCP, oferecem avanço significativo nessa direção ao diferenciarem entre intenções de meta (goal intentions) e intenções de implementação (implementation intentions), demonstrando que empreendedores em diferentes estágios do processo exibem perfis distintos de comprometimento, especificidade de planejamento e estabilidade intencional. Esse achado evidencia que tratar a intenção como construto unitário e estático, como fazem os modelos intencionais tradicionais, dificulta a heterogeneidade dos processos cognitivos e volitivos que operam nas transições da deliberação para a ação. Para os fins da agenda integrativa aqui proposta, isso implica reconhecer que intenções não apenas variam em intensidade, mas se transformam qualitativamente à medida que o indivíduo avança ou recua nas etapas de construção de uma trajetória empreendedora.

A partir desse fundamento, a agenda integrativa organiza-se em quatro conjuntos analíticos interdependentes que, em conjunto, descrevem o movimento dinâmico da ação empreendedora ao longo do tempo. O primeiro conjunto refere-se às disposições iniciais, que abrangem intenções, atitudes, percepções de viabilidade e desejabilidade, e a propensão subjetiva a agir. Longe de representarem o ponto de partida estável de um processo linear, essas disposições constituem configurações abertas, sensíveis a eventos de deslocamento biográfico e sujeitas a revisão contínua conforme os indivíduos acumulam experiências, estabelecem novas redes e reinterpretam suas circunstâncias (Shapero; Sokol, 1982; Tsou; Steel; Osiyevskyy, 2023). A centralidade analítica das disposições iniciais, portanto, não reside em seu valor preditivo direto, mas em sua função de abertura ou fechamento de possibilidades percebidas.

O segundo conjunto diz respeito aos meios disponíveis, compreendidos na acepção efetuacional como identidade, conhecimentos, experiências profissionais e redes de relacionamento acumuladas ao longo da trajetória (Saravathy, 2001; 2024). Esses meios não são simplesmente recursos instrumentais, mas

substrato a partir do qual os indivíduos definem o que é possível fazer, com quem e a que custo simbólico e material. A lógica efetuacional revela que, em contextos de incerteza, que constituem a norma e não a exceção nas trajetórias empreendedoras, a construção da ação parte dos meios disponíveis em direção a objetivos que emergem e se consolidam no próprio processo. Werle e Giones (2025), em revisão integrativa sobre experimentação empreendedora, demonstram que a aparente contradição entre ação rápida e reflexão cuidadosa dissolve-se quando a experimentação é compreendida como função, tanto de descoberta quanto de construção, e não como método único.

O terceiro conjunto corresponde aos processos de ação, caracterizados por experimentação, aprendizagem, ajustes sucessivos e negociação com atores do contexto. Esse nível é onde a intenção encontra a realidade, e onde a distância entre o que se pretendia e o que se fez torna-se empiricamente observável e teoricamente relevante. Nesse domínio, decisões são tomadas de forma situada, frequentemente em resposta a contingências e oportunidades emergentes não antecipadas, reforçando a natureza não linear e adaptativa do empreendedorismo (McMullen; Shepherd, 2006; Giunipero et al., 2025). A transição entre fases do processo, da deliberação para a iniciação, desta para a adaptação e eventualmente para a consolidação ou abandono, não obedece a cronogramas ou limiares cognitivos preestabelecidos, mas resulta de interações entre o agente, seus meios, suas redes e o ambiente. Ripollés e Blesa (2023) demonstram, em estudo sobre educação empreendedora, que as ações empreendedoras dos estudantes emergem de lógicas de aprendizagem experiencial e bricolagem que não se reduzem à formação de intenções, mas envolvem experimentação ativa, pivotagem e negociação com o mercado.

O quarto conjunto abrange os resultados emergentes, que incluem não apenas a criação, adaptação e continuidade de negócios, mas também a geração de valor econômico, social e simbólico, bem como transformações identitárias e reconfigurações de projetos de vida ao longo do tempo. Esses resultados não encerram o processo, retroalimentam os meios disponíveis e as disposições iniciais, configurando um movimento circular e cumulativo que articula ação passada, presente e futura. Estudos longitudinais com acompanhamento de cinco anos após a graduação indicam, por exemplo, que os efeitos da educação empreendedora sobre a criação de novos negócios dependem menos da formação de intenções do que da capacidade de os indivíduos mobilizarem competências adquiridas em contextos novos e inesperados (Murad et al., 2024; Arendt et al., 2025), o que sinaliza que os resultados emergentes são o produto de um processo longitudinal complexo, não de decisões pontuais.

A arquitetura conceitual resultante dessas quatro dimensões permite superar dicotomias tradicionais que estruturam o campo, intenção versus ação, planejamento versus improvisação, indivíduo versus contexto, e estabilidade versus contingência. Ao invés de tratar esses elementos como pólos excludentes, a agenda integrativa os compreende como dimensões de um mesmo processo dinâmico, sensível à temporalidade das trajetórias biográficas e às condições institucionais que moldam os cursos de ação disponíveis em cada estágio do curso de vida. A contribuição central dessa articulação não é a adição de mais variáveis a modelos existentes, mas a mudança do nível de análise, do momento da intenção para o processo de construção da ação; do indivíduo isolado para o indivíduo situado em redes, trajetórias e contextos.

Do ponto de vista das implicações para a pesquisa, a agenda integrativa aponta para ao menos três direções prioritárias. A primeira é o fortalecimento de designs longitudinais, qualitativos e de métodos mistos, capazes de capturar como intenções se transformam, como eventos biográficos reconfiguram cursos de ação, e como redes sociais e recursos acumulados medeiam a tradução de disposições em comportamento (Syed et al., 2024; Lévesque et al., 2026). A segunda é a ampliação das amostras para além de estudantes universitários, que representam contextos estruturalmente específicos e inadequados para generalizações sobre a relação intenção-ação em populações heterogêneas, incorporando empreendedores em diferentes estágios etários, setores e contextos institucionais (Nayak, 2025; Tsou; Steel; Osiyevskyy, 2023). A terceira é o desenvolvimento de frameworks analíticos capazes de integrar os níveis micro, meso e macro, reconhecendo que a ação empreendedora resulta da interação entre disposições individuais, dinâmicas relacionais e condições institucionais mais amplas (Liguori et al., 2024).

Para a educação empreendedora, as implicações são igualmente substanciais. Programas excessivamente orientados à formação de intenções, através de planos de negócios, análises de mercado e modelagem financeira, tendem a subestimar a dimensão processual e experimental do empreendedorismo, formando indivíduos com elevadas intenções declaradas mas limitadas capacidades de ação em contextos de incerteza. Uemura et al. (2024) mostram empiricamente que as iniciativas de educação empreendedora se organizam em três abordagens ontológicas, "sobre", "para" e "através" do empreendedorismo e que a maioria ainda privilegia o ensino sobre (transmissão de conhecimento/intenção) em detrimento do através (ação, experiência, atitude). Isso sustenta diretamente sua crítica aos programas focados demais na formação de intenções. A agenda integrativa sugere o deslocamento do foco para o desenvolvimento de competências de experimentação, reflexão e adaptação, compatíveis com a lógica efetucional e com os processos reais de construção de trajetórias empreendedoras (Werle; Giones, 2025; Ripollés; Blesa, 2023). A incorporação de pedagogias baseadas em projetos longitudinais, metodologias ágeis e aprendizagem reflexiva indica caminhos promissores para esse deslocamento, na medida em que aproximam o ambiente educacional das condições reais de incerteza, escassez e interação que caracterizam os processos empreendedores.

No âmbito das políticas públicas, a agenda integrativa reforça a necessidade de superar abordagens homogeneizantes que tratam o empreendedorismo como comportamento uniforme e facilmente induzível por instrumentos genéricos. Políticas sensíveis à heterogeneidade de trajetórias e aos diferentes estágios do curso de vida, reconhecendo que indivíduos mobilizam necessidades, recursos e motivações distintos conforme o momento biográfico, tendem a ser mais efetivas do que aquelas centradas exclusivamente no estímulo à intenção ou à criação de novos negócios como fim em si mesmo (Maalaoui et al., 2023; Lévesque et al., 2026). Isso implica, por exemplo, estruturar mecanismos de apoio diferenciados para empreendedores nascentes e estabelecidos, para jovens em transição para o mercado de trabalho e para adultos mais velhos em reconfigurações ocupacionais, reconhecendo que cada grupo enfrenta oportunidades e constrangimentos estruturais distintos.

Em síntese, a agenda integrativa aqui proposta concebe o empreendedorismo como processo de ação situado, longitudinal e recursivo, no qual intenções constituem apenas um dos múltiplos elementos que se articulam na construção de trajetórias empreendedoras ao longo do curso de vida. Essa perspectiva não invalida os modelos intencionais, mas os reposiciona, a intenção deixa de ser antecedente causal direto e passa a ser compreendida como disposição dinâmica, modulada por trajetórias biográficas, meios disponíveis, eventos de deslocamento e processos interativos de aprendizagem e adaptação. Ao articular TCP, MEE e Effectuation como dimensões complementares de um mesmo processo, situadas na temporalidade do curso de vida, a agenda integrativa oferece base teórica mais robusta para a compreensão de como o empreendedorismo realmente se constrói.

A Figura 1 sintetiza a agenda integrativa proposta, explicitando a articulação entre disposições iniciais, meios disponíveis, processos de ação e resultados emergentes ao longo do curso de vida.

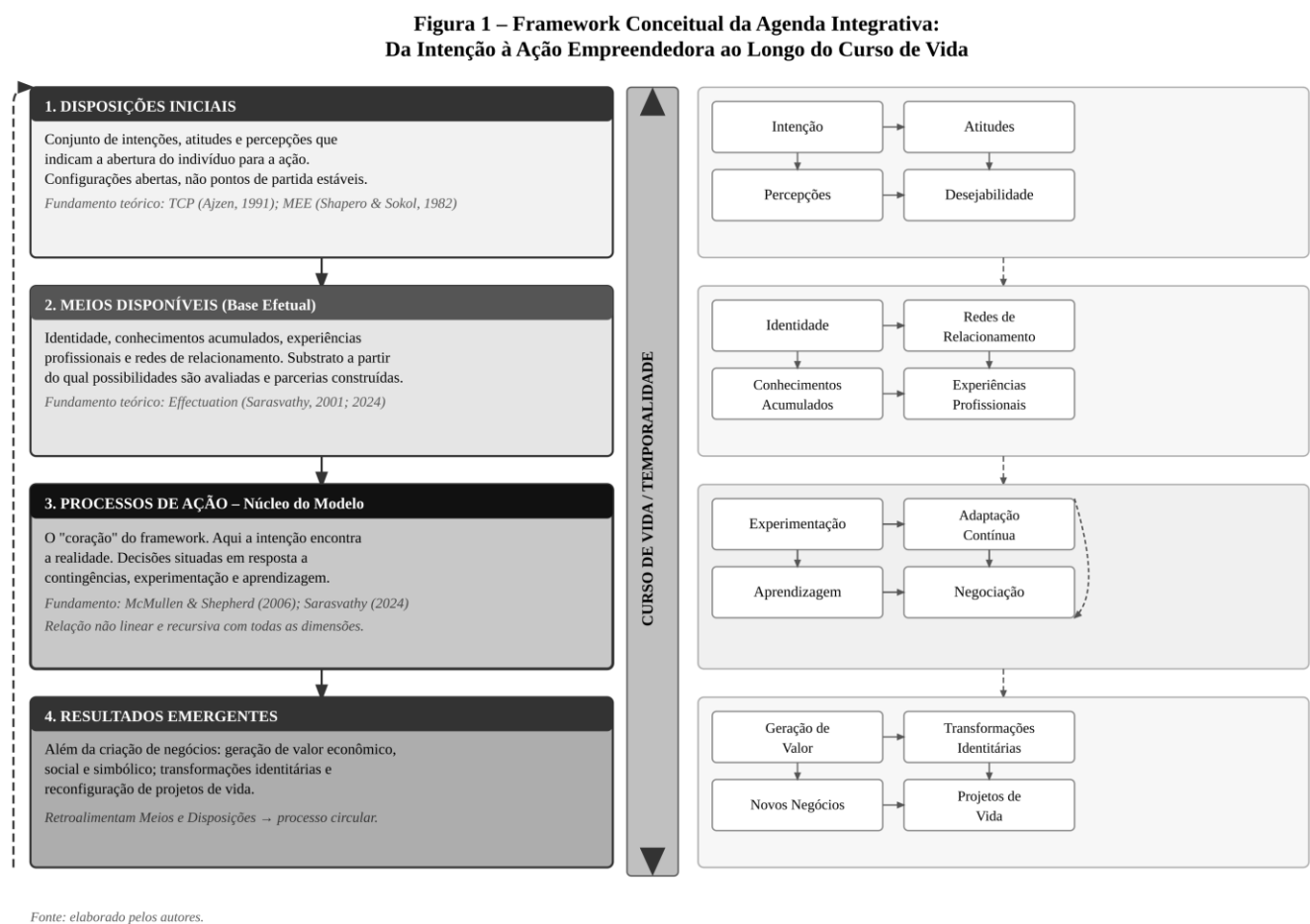


Figura 1 – Framework conceitual da agenda integrativa: da intenção à ação empreendedora ao longo do curso de vida.

Considerações finais

Modelos que posicionam a intenção empreendedora como construto central tendem a assumir relações lineares entre disposições cognitivas e comportamento, o que contribuiu significativamente para o avanço do conhecimento sobre antecedentes da intenção, mas revela limitações substantivas quando o fenômeno de interesse é a ação empreendedora em si, sua emergência, continuidade, interrupção e reconfiguração ao longo do tempo.

Ao articular criticamente a Teoria do Comportamento Planejado (Ajzen, 1991), o Modelo do Evento Empreendedor (Shapero; Sokol, 1982) e a Teoria da Effectuation (Sarasvathy, 2001; 2024) com a perspectiva do curso de vida (Elder; Johnson; Crosnoe, 2003; Lévesque et al., 2026), este artigo sustenta que o empreendedorismo se configura como processo de construção da ação ao longo do tempo, no qual disposições iniciais, incluindo intenções, exercem influência relevante, porém não determinística. Essa leitura desloca o foco analítico da previsão de comportamentos para a compreensão de como indivíduos mobilizam meios disponíveis, constroem parcerias, aprendem com a experiência e ajustam cursos de ação em contextos marcados por incerteza, contingência e heterogeneidade biográfica.

A contribuição teórica central do artigo reside em três movimentos articulados. O primeiro é o reposicionamento da intenção, de antecedente causal direto para disposição dinâmica que se transforma ao longo da trajetória, modulada por eventos de deslocamento biográfico, meios disponíveis e processos interativos de aprendizagem. O segundo é a articulação das três teorias como dimensões complementares

de um mesmo processo longitudinal, a TCP como estrutura das disposições iniciais, o MEE como teoria dos gatilhos biográficos que reconfiguram trajetórias, e a Effectuation como lógica de construção da ação em contextos de incerteza. O terceiro é a incorporação da temporalidade do curso de vida como dimensão analítica estruturante, que permite compreender por que e como o empreendedorismo assume configurações distintas conforme o estágio etário, os recursos acumulados e as transições biográficas vivenciadas (Kautonen; Down; Minniti, 2014; Lévesque et al., 2026). O framework conceitual sintetizado na Figura 1 formaliza essa articulação, oferecendo base para investigações empíricas futuras.

Do ponto de vista metodológico, a agenda integrativa apresentada reforça a inadequação de delineamentos exclusivamente transversais para a compreensão da ação empreendedora. Revisões sistemáticas recentes confirmam a dependência excessiva do campo por amostras estudantis e designs transversais que capturam disposições em momentos únicos, mas são incapazes de examinar como essas disposições se transformam, se consolidam ou se dissipam ao longo das trajetórias (Nayak, 2025; Tsou; Steel; Osiyevskyy, 2023). Estudos longitudinais, qualitativos e de métodos mistos oferecem caminhos mais robustos para examinar como eventos críticos reconfiguram cursos de ação, como redes sociais medeiam a tradução de intenções em comportamento e como diferentes estágios do curso de vida produzem modos distintos de engajamento empreendedor (Syed et al., 2024; Lévesque et al., 2026).

Para a educação empreendedora, a leitura proposta problematiza iniciativas excessivamente orientadas à formação de intenções, frequentemente operacionalizadas por planos de negócios, análises de viabilidade e simulações de mercado, e sugere o deslocamento do foco para o desenvolvimento de capacidades de experimentação, reflexão e adaptação compatíveis com os processos reais de construção de trajetórias empreendedoras (Werle; Giones, 2025; Ripollés; Blesa, 2023). Evidências longitudinais indicam que os efeitos da educação empreendedora sobre a criação de novos negócios dependem menos da formação de intenções declaradas do que da capacidade de os indivíduos mobilizarem competências adquiridas em contextos novos e inesperados (Arendt et al., 2025), o que reforça a centralidade da experimentação como função pedagógica. No âmbito das políticas públicas, a heterogeneidade das trajetórias e dos estágios do curso de vida exige mecanismos de apoio diferenciados que reconheçam que indivíduos mobilizam necessidades, recursos e motivações distintos ao longo do tempo, e que o empreendedorismo pode emergir como resposta a transições biográficas não planejadas tanto quanto a projetos deliberadamente construídos (Maalaoui et al., 2023; Lévesque et al., 2026).

Por tratar-se de ensaio teórico fundamentado em revisão integrativa, o artigo não testa empiricamente as proposições apresentadas. Essa delimitação não constitui fragilidade, mas condição epistemológica para a abertura de agendas empíricas futuras, voltadas a examinar, em diferentes contextos institucionais, grupos populacionais e estágios do curso de vida, a utilidade analítica da articulação entre intenção, ação e temporalidade biográfica aqui proposta. A transição da intenção à ação empreendedora não é um intervalo a ser preenchido por mais uma variável mediadora, é um processo que exige, da pesquisa, a mesma disposição para a complexidade, a abertura e a recursividade que exige dos próprios empreendedores.

Referências

- Ajzen, I. (1991). The theory of planned behavior. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 50(2), 179–211. [https://doi.org/10.1016/0749-5978\(91\)90020-T](https://doi.org/10.1016/0749-5978(91)90020-T)
- Arendt, K. M., Christensen, B. T., Jensen, V. M., Rangvid, B. S., & Bille, T. (2025). Beyond entrepreneurship education: the long-term impact of higher education teaching models on new venture creation. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 31(11), 26–45. <https://doi.org/10.1108/IJEER-02-2024-0174>
- Bae, T. J., Qian, S., Miao, C., & Fiet, J. O. (2014). The relationship between entrepreneurship education and entrepreneurial intentions: a meta-analytic review. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 38(2), 217–254.

- Bagheri, A., & Karami, M. (2026). Leading through uncertainty: entrepreneurial leadership and co-creation of new opportunities. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1108/ijebr-10-2024-1090>
- Cronin, M. A., & George, E. (2023). The why and how of the integrative review. *Organizational Research Methods*, 26(1), 168–192. <https://doi.org/10.1177/1094428120935507>
- Dias, Á., & Patuleia, M. (2023). (Re)defining entrepreneurship in a post-pandemic context. *Social Sciences*, 12(3), 193. <https://doi.org/10.3390/socsci12030193>
- Elder, G. H., Johnson, M. K., & Crosnoe, R. (2003). The emergence and development of life course theory. In J. T. Mortimer & M. J. Shanahan (Eds.), *Handbook of the life course* (pp. 3–19). Springer.
- GEM – Global Entrepreneurship Monitor. (2023). *Global Entrepreneurship Monitor 2022/2023 global report: Adapting to a new normal*. GEM. <https://www.gemconsortium.org/reports/latest-global-report>
- Kautonen, T., Down, S., & Minniti, M. (2014). Ageing and entrepreneurial preferences. *Small Business Economics*, 42(3), 579–594. <https://doi.org/10.1007/s11187-013-9489-5>
- Kautonen, T., Kibler, E., & Minniti, M. (2017). Late-career entrepreneurship, income and quality of life. *Journal of Business Venturing*, 32(3), 318–333. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2017.02.005>
- Kuckertz, A., & Brem, A. (2023). Supporting innovation and growth through entrepreneurship: reflections on the German Federal Government’s “startup strategy”. *Journal of Entrepreneurship and Public Policy*, 12(3/4), 197–208.
- Lam, M., & Purc, E. (2022). Does dispositional positive and negative affect predict late-career entrepreneurial intention? A theory of planned behavior perspective. *Roczniki Psychologiczne*, 25(4), 349–366.
- Lévesque, M., Stephan, U., Kautonen, T., & Bakker, R. (2026). Entrepreneurship, age, and the lifespan: taking stock and avenues for future research. *Journal of Business Venturing*, 41(1), Article 106548. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2025.106548>
- Liguori, E. W., Bendickson, J. S., & McDowell, W. C. (2018). Revisiting entrepreneurial intentions: a social cognitive career theory approach. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 14, 67–78. <https://doi.org/10.1007/s11365-017-0462-7>
- Liguori, E. W., Bendickson, J. S., Solomon, S., & McGuigan, P. (2024). Charting the future of entrepreneurship: a roadmap for interdisciplinary research and societal impact. *Cogent Business & Management*, 11(1), 1–22. <https://doi.org/10.1080/23311975.2024.2314218>
- Liñán, F., & Chen, Y. (2009). Development and cross-cultural application of a specific instrument to measure entrepreneurial intentions. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 33(3), 593–617.
- Liñán, F., Jaén, I., & Domínguez-Quintero, A. M. (2024). An action phase theory approach to the configuration of entrepreneurial goal and implementation intentions. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 30(11), 64–90. <https://doi.org/10.1108/IJEBr-07-2023-0772>
- Maalaoui, A., Partouche, J., Safraoui, I., & Viala, C. (2023). Senior entrepreneurship: how subjective age affects seniors’ entrepreneurial intentions. *Review of Managerial Science*, 17, 443–465.
- McMullen, J. S., & Shepherd, D. A. (2006). Entrepreneurial action and the role of uncertainty in the theory of the entrepreneur. *Academy of Management Review*, 31(1), 132–152. <https://doi.org/10.2307/20159189>
- Murad, E. P., & Andrade, D. M. (2024). Educação empreendedora social: uma revisão integrativa da literatura. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 18(Edição Especial), 80–95. <https://doi.org/10.12712/rpca.v18iEdicao-Especial.57705>
- Nayak, R. (2025). Bridging the relationship between entrepreneurial intention and behavior: a systematic review and theoretical integration. *Cogent Business & Management*, 12(1), Article 2587397. <https://doi.org/10.1080/23311975.2025.2587397>
- OECD. (2019a). *Pensions at a glance 2019: OECD and G20 indicators*. OECD Publishing.
- OECD. (2019b). *Senior entrepreneurship in OECD countries: The silver economy as a source for growth*. OECD Publishing.
- Passavanti, C., Ponsiglione, C., Primario, S., & Rippa, P. (2023). The evolution of student entrepreneurship: state of the art and emerging research direction. *The International Journal of Management Education*, 21(2). <https://doi.org/10.1016/j.ijme.2023.100820>

- Ratten, V. (2019). Older entrepreneurship: a literature review and research agenda. *Journal of Enterprising Communities: People and Places in the Global Economy*, 13(1/2), 178–195. <https://doi.org/10.1108/JEC-08-2018-0054>
- Ratten, V. (2023). The post COVID-19 pandemic era: changes in teaching and learning methods for management educators. *The International Journal of Management Education*, 21(2), Article 100777. <https://doi.org/10.1016/j.ijme.2023.100777>
- Read, S., Song, M., & Smit, W. (2009). A meta-analytic review of effectuation and venture performance. *Journal of Business Venturing*, 24(6), 573–587. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2008.02.005>
- Ripollés, M., & Blesa, A. (2023). Moderators of the effect of entrepreneurship education on entrepreneurial action. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 29(7), 1402–1426. <https://doi.org/10.1108/IJEBR-06-2022-0518>
- Sarasvathy, S. D. (2001). Causation and effectuation: toward a theoretical shift from economic inevitability to entrepreneurial contingency. *Academy of Management Review*, 26(2), 243–263. <https://doi.org/10.5465/amr.2001.4378020>
- Sarasvathy, S. D. (2003). Entrepreneurship as a science of the artificial. *Journal of Economic Psychology*, 24(2), 203–220. [https://doi.org/10.1016/S0167-4870\(02\)00203-9](https://doi.org/10.1016/S0167-4870(02)00203-9)
- Sarasvathy, S. D. (2024). Lean hypotheses and effectual commitments: an integrative framework delineating the methods of science and entrepreneurship. *Journal of Management*, 50(6), 2001–2037. <https://doi.org/10.1177/01492063241236445>
- Schumpeter, J. A. (1934). *The theory of economic development: An inquiry into profits, capital, credit, interest, and the business cycle*. Harvard University Press.
- Shapero, A., & Sokol, L. (1982). The social dimensions of entrepreneurship. In C. Kent, D. Sexton, & K. H. Vesper (Eds.), *Encyclopedia of entrepreneurship* (pp. 72–90). Prentice Hall.
- Syed, R. T., Singh, D., Ahmad, N., & Butt, I. (2024). Age and entrepreneurship: mapping the scientific coverage and future research directions. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 20, 1451–1486.
- Torraco, R. J. (2016). Writing integrative literature reviews: using the past and present to explore the future. *Human Resource Development Review*, 15(4), 404–428.
- Tsou, E., Steel, P., & Osiyevskyy, O. (2023). The relationship between entrepreneurial intention and behavior: a meta-analytic review. *International Small Business Journal*, 42(3), 1–29. <https://doi.org/10.1177/14657503231214389>
- Uemura, M. R. B., Lopes, R. M. A., & Vasconcellos, L. (2024). A educação empreendedora no ensino médio no Brasil: abordagem ontológica e educacional. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 18(Edição Especial), 1–25. <https://doi.org/10.12712/rpca.v18iEdicao-Especial.58351>
- Wang, C., Mundorf, N., & Salzarulo-McGuigan, A. (2022). Entrepreneurship education enhances entrepreneurial creativity: the mediating role of entrepreneurial inspiration. *Frontiers in Psychology*, 13. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.919300>
- Werle, M., & Giones, F. (2025). Action and reflection: rewiring the concept of entrepreneurial experimentation in the entrepreneurship process. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1108/IJEBR-02-2024-0158>